



O que se pode entender por instabilidades da linguagem: Uma visão linguístico-discursiva

Laurenço Chacon

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Av. Hygino Muzzi Filho, 737, 17252-000, Marília, São Paulo, Brasil. E-mail: lourenco.chacon@unesp.br

RESUMO. Apresento características do que conceito como instabilidades da linguagem. Para tanto, analiso 30 anos de minha trajetória acadêmica, destacando três momentos fundamentais dela para a construção desse conceito. Ele recobre fenômenos observados na fala, na escrita e em suas relações. No primeiro momento, as instabilidades remetiam à duração de pausas na fala de sujeitos parkinsonianos, momento em que as instabilidades tiveram como *locus* de investigação a perspectiva textual-interativa. No segundo momento, as instabilidades passaram a remeter ao funcionamento de outras marcas hesitativas, ainda em sujeitos parkinsonianos – mas com deslocamento do *locus* da investigação: da perspectiva textual-interativa para a perspectiva discursiva de orientação francesa. Por fim, no terceiro momento, as instabilidades remeteram, essencialmente, a não coincidências da língua consigo mesma, na fala e na escrita de crianças. O *locus* de investigação, mais uma vez, foi a perspectiva discursiva de orientação francesa. Explico o funcionamento desse conjunto de dados, recobertos pelo conceito de instabilidades da linguagem, como decorrente de tensões, na linguagem, entre tentativas de ordenar o fluxo discursivo (ou seja, de estruturá-lo) e o acaso que lhe é constitutivo.

Palavras-chave: Hesitação; segmentação não convencional de palavras; doença de Parkinson; aquisição da linguagem; discurso.

What can be understood by language instabilities: A linguistic-discursive perspective

ABSTRACT. I present characteristics of what I conceptualize as language instabilities. To this end, I analyze thirty years of my academic trajectory, highlighting three key moments in the development of this concept. It encompasses phenomena observed in speech, in writing, and in their interrelations. In the first moment, the instabilities referred to the duration of pauses in the speech of Parkinson's patients, when the locus of investigation was the textual–interactive perspective. In the second moment, the instabilities came to refer to the functioning of other hesitant markers, still in the speech of Parkinson's patients—but with a shift in the locus of investigation, from the textual–interactive perspective to the French-oriented discourse one. Finally, in the third moment, the instabilities essentially referred to the non-coincidences of language with itself, in the speech and writing of children. Once again, the locus of investigation was the French-oriented discourse perspective. I explain the functioning of this set of data, encompassed by the concept of language instabilities, as stemming from tensions within language—between attempts to organize the discursive flow (that is, to structure it) and the element of chance that is constitutive of it.

Keywords: Hesitation; non-conventional word segmentation; Parkinson's disease; language acquisition; discourse.

Received on May 30, 2025.
Accepted on October 09, 2025.

Introdução

Neste artigo, exporei características do que venho entendendo como 'instabilidades da' linguagem – modo como passei a conceituar fenômenos a que, inicialmente, tive acesso da graduação em Letras ao término do doutorado em Linguística. Trata-se de fenômenos tidos, nesse campo, como (1) um incômodo, que pode/deve ser descartado ou submetido a filtros (como nos primeiros estudos gerativistas), atribuído à variação e/ou à individualidade da fala ou da performance, à subjetividade, ou ainda, a zonas opacas do próprio sistema linguístico.

Mas meu interesse por tais fenômenos posteriormente se aguçou quando, a partir de 1991, ingressei como docente (responsável pelas disciplinas de Linguística) no curso de Fonoaudiologia da UNESP – *campus* de

Marília. Nesse campo, eles são prioritariamente entendidos como (2) dificuldades, desvios, transtornos ou distúrbios de linguagem.

Um primeiro aspecto se depreende dessas duas diferentes formas de interpretação: o que é tido como instável se define a partir de uma característica que se supõe como a organizadora (talvez a única?) do funcionamento da linguagem: – sua (suposta) estabilidade. Ela se mostraria sob a forma de sistemas (ou de mecanismos de regulação de seu uso) nos estudos linguísticos; e se mostraria sob a forma do que é considerado como típico, ou convencional, nos estudos fonoaudiológicos. Seria, portanto, o instável um ruído, uma falha, aquilo que escapa ao estável, que foge ao que necessariamente deveria ocorrer no funcionamento da linguagem? Já antecipo que é negativa minha resposta a essa questão.

Mas, para mostrar como cheguei a tal resposta, retomarei fatos de minha trajetória acadêmica (sobretudo a partir de quando criei e passei a coordenar o Grupo de Pesquisa ‘Estudos sobre a Linguagem’ (o GPEL/CNPq) que me levaram a entender certos fenômenos da linguagem como correspondendo a instabilidades as quais, diferentemente do que, em grande medida, ocorre nos campos da Linguística e da Fonoaudiologia, entendo como constitutivas (e não como ruídos) dela. Destacarei três momentos dessa trajetória, nos quais me voltei para o que interpretei, em cada um deles, como (1) a instabilidade do não apropriado das pausas; (2) a instabilidade das hesitações; (3) a instabilidade da língua. Mas, dadas as limitações de um artigo, nas seções seguintes, suas características serão apresentadas de modo resumido¹.

Breve descrição da trajetória

O primeiro momento pode ser caracterizado como aquele em que o caráter tido como não apropriado das pausas na fala de sujeitos com Doença de Parkinson constituiu o principal objeto de investigação do que hoje chamo de o instável da linguagem. A marca linguística preferencial de detecção desse caráter foi a sua (oscilante) duração. Ser constitutivo ‘da’ linguagem, porém, é uma percepção do instável que (re)afirmo hoje, o que equivale a dizer que não foi com tal percepção que o investiguei nesse primeiro momento. Com efeito, na construção teórica que fiz dele, o instável viria ‘de fora’ da linguagem, ou seja, estaria ‘na’ linguagem como algo que lhe seria exterior, e as marcas de instabilidade nela deixadas seriam descritíveis em função do que caracterizei como a linguagem em uso – uso entendido, nesse primeiro momento, como produção do texto falado.

Tive êxitos acadêmicos nessa investigação. A título de exemplo, o que a literatura biomédica interpreta(va) como ‘pausas colocadas anormalmente’ na fala de sujeitos com Doença de Parkinson decorreria, numa visão textual-interativa, de um processo alternativo de enunciação (resultante da condição de parkinsoniano). Nesse processo, longe de se configurar como casual, aleatória, não apropriada, a instabilidade de duração das pausas ou (1) ‘mascarava regularidades linguístico-textuais’ (já que essa instabilidade, estruturalmente, distinguia, por exemplo, mudanças de tópicos conversacionais, mecanismos de autocorreção) ou (2) ‘denunciava seu caráter hesitativo’ (mostrado nos momentos mais disfluente da produção dos enunciados). Podia ser atribuída, ainda, a ‘fatores de ordem interna dos parkinsonianos’ que produziam seus efeitos no ato enunciativo e, por extensão, na produção do texto falado – como, por exemplo: dificuldades do que interpretei à época como (des)organização cognitiva, dificuldades de memória ou dificuldades no controle de movimentos envolvidos na produção física da fala. Em síntese, tratava-se das diferentes maneiras como aspectos linguísticos, fisiológicos e subjetivos dos sujeitos parkinsonianos poderiam ser combinados e detectados (na duração oscilante de pausas) em sua enunciação.

No entanto, embora satisfeito com os resultados que se esboçaram e com as direções possíveis de investigação das questões que via como relacionadas a eles, quatro pilares das bases que possibilitaram chegar a tais resultados começaram a se mostrar, para mim, como pontos de problematizações. Com efeito:

(1) embora a incursão pela literatura biomédica tenha apontado importantes lacunas de investigação, talvez pela ausência de trabalhos similares aos meus no campo dos estudos linguísticos – que se volta, quanto aos problemas de linguagem, sobretudo para aqueles resultantes de afasias e de demências –, essa literatura acabou por tornar-se, voluntária ou involuntariamente, também o ‘outro primordial’ de minhas investigações. Aos poucos, porém, pude perceber que essa alteridade não seria produtiva para o que eu pretendia desenvolver como trajetória, dada a quase abissal distância entre as concepções de linguagem (não explicitadas) que sustentam os estudos sobre os problemas de linguagem resultantes da Doença de Parkinson na literatura biomédica e as concepções de linguagem que circulam no campo dos estudos linguísticos. O melhor caminho

¹ Uma visão mais detalhada de cada um desses três momentos pode ser encontrada em Chacon (2017), trabalho de livre-docência, sintetizado no presente artigo. Também nesse trabalho se encontram discussões teóricas mais expandidas, bem como análises dos fenômenos abordados nesta síntese.

me pareceu, portanto, romper com o ‘outro primordial’ representado por essa literatura e eleger como novo ‘outro’ os estudos sobre a linguagem desenvolvidos no campo linguístico;

(2) ocorre que também começou a se mostrar como restrito o alcance da perspectiva textual-interativa, base dessas minhas primeiras investigações. Sobretudo porque, embora tenha sido produtivo, o recorte epistemológico proposto, se, por um lado, facilitou-me a tentativa de diálogo com a literatura biomédica, por outro lado, mostrou que essa facilitação não se deu sem perturbadoras concessões. A principal delas, a meu ver, foi centrar as investigações naquilo que se pode, sob a ótica de estudos de orientação francesa do discurso, entender como a superfície discursiva. Outra concessão foi desenvolvê-las, semelhantemente a como (obviamente, de modo intuitivo) as desenvolve a literatura biomédica, tendo como ponto de partida um sujeito fonte de seu dizer – compatível com aquele de uma visão textual-interativa da linguagem;

(3) por fim, centrar-me na superfície discursiva e na ilusão de um sujeito centro/fonte do (seu) dizer fez com que a concepção e a análise do objeto de investigação – o caráter não apropriado das pausas – se restringisse ao âmbito dessa visão teórica. Como efeito dessa restrição, as pausas foram concebidas como rupturas na sequência temporal-gramatical da fala, cuja irrupção se devia, fundamentalmente, a como os parkinsonianos (vistos de uma perspectiva que os toma como sujeitos não constituídos pela linguagem) lidavam com questões textuais-interativas e com suas questões internas (tanto do ponto de vista cognitivo, quanto do ponto de vista subjetivo e, ainda, motor);

(4) restava, ainda, uma questão: o não apropriado das pausas era, por um lado, o mascaramento de regularidades linguístico-textuais e, por outro, seu caráter hesitativo (manifestado nos momentos mais disfluents dos enunciados). Mas, como relacionar, então, esse caráter hesitativo a outros fatos da linguagem aos quais também se poderia atribuí-lo, como, por exemplo, alongamentos, repetições, gaguejamentos? Não corresponderiam, então, essas pausas ‘não apropriadas’ com caráter hesitativo e o ‘embaralhado, confuso, indefinido das disfluências’, destacados pela literatura biomédica, a estruturas linguísticas distintas que remeteriam a um mesmo e único processo?

Decorrente desse conjunto de problematizações, iniciou-se um segundo momento de minha trajetória, o qual descrevo a seguir.

Nesse segundo momento, passei a ver as hesitações como processos (e não mais como produtos linguísticos). Distanciei-me, ao mesmo tempo, da perspectiva textual-interativa (que as entende como estruturas linguísticas que denunciariam problemas de formulação textual) e da perspectiva biométrica (que, caracterizando-as como disfluências, as explica como desajustes entre programação e execução da fala). Esses processos hesitativos teriam, em sua base, motivação discursiva e se mostrariam, no fio do discurso, por meio de diferentes marcas linguísticas: (a) pausas que não delimitam fronteiras prosódicas em que são esperadas; bem como (b) pausas que indiciam a tomada do dizer (aquelas que, na perspectiva textual-interativa, são categorizadas como pausas iniciais de turnos); (c) alongamentos hesitativos; (d) gaguejamentos; (e) repetições hesitativas; (f) cortes bruscos; e (g) incoordenações. Não se explicaria, assim, o estatuto linguístico do que a literatura biomédica considera como disfluências, a saber, como resultado, antes, de processos hesitativos do que de incoordenações entre programação e execução de movimentos da fala?

Desloca-se, então, o objeto de investigação: o caráter tido como não apropriado das pausas cede lugar às hesitações. Também se desloca a concepção de linguagem em uso: de produção do texto falado, ela passa a ser entendida como discurso – com os sentidos preferenciais com que os estudos de orientação francesa o definem. E, fato que considero como aquele de maior importância nesse deslocamento, passo a ver o instável não mais como algo exterior à linguagem, mas como algo que lhe seria interior e constitutivo: o instável ‘da’ linguagem, uma propriedade dela. Permaneceram, contudo, os sujeitos (empíricos) de investigação, os parkinsonianos, mas vistos, enquanto sujeitos, no sentido discursivo que esse termo adquire, em razão do deslocamento epistemológico que marca esse segundo momento de minha trajetória².

Como, nessa nova perspectiva, sentidos se produzem em práticas discursivas, entendi que devesse buscar, nas hesitações em enunciados de parkinsonianos, em que medida suas características semânticas seriam explicadas em função de fatos localizáveis em seus processos discursivos. Com base em trabalhos comparativos entre parkinsonianos e não parkinsonianos, cheguei, aos resultados (representativos dessa comparação) que, sinteticamente, exporei a seguir.

² Trabalhos de Authier-Revuz (1990, 2004), Tfouni (2001, 2006, 2008) e Pêcheux (1990a, 1990b, 2009) possibilitaram esse deslocamento no que se refere ao estatuto do sujeito e ao locus teórico-metodológico de investigação das hesitações.

Em ambos os grupos, as hesitações mostraram pontos de ‘turbulência’ na ilusão de negociação entre o ‘eu’ que se marca como sujeito de um processo discursivo e o(s) Outro/outros³ que constituem esse processo. Nesses momentos, para os dois grupos, ou as hesitações impediam que a deriva constitutiva do discurso viesse a se materializar, ou, ao contrário, permitiam sua emergência – o que resultava em momentos que Tfouni (2008) caracterizaria como de dispersão no fio do discurso.

A dispersão, nos dois grupos, veio a ser, posteriormente, reprimida ou, de fato, efetivada. Ocorreu repressão quando se observou, no fio do discurso, um retorno sobre o próprio dizer, buscando ‘amarrá-lo’. Trata-se, por exemplo, de momentos nos quais o fio se apresentou coeso e coerente. Mas quando vigorou a dispersão, esse retorno não ocorreu – o que resultou, sobretudo, em momentos de falta de coerência no fio.

Em síntese, nos dois grupos, as hesitações corresponderam a momentos em que a amarração do dizer deslizou entre perder-se ou manter-se – já que a deriva que tentou se instalar nesses momentos pôde vir, ou não vir, a se materializar no fio do discurso.

Vários processos semântico-discursivos mostraram-se como recorrentes nos momentos (reprimidos ou não) de hesitações nos dois grupos de sujeitos. Nascimento (2005; 2010), por exemplo, observou desencontros, no fio do discurso, entre: (a) itens lexicais ‘não desejados’ e ‘desejados’ pelos sujeitos; (b) diferentes aspectos de um objeto em curso no processo discursivo; (c) diferentes objetos num processo discursivo – caracterizados por momentos em que, durante a emergência de um objeto, outro tentava emergir. Já Camillo (2011) observou (d) emergência de aspectos contextualizadores do dizer sentidos como necessários para o desenrolar do processo discursivo; (e) voltas de confirmação ou de negação de aspectos do dizer (do próprio sujeito ou de seu interlocutor).

Um fato particular às condições de produção do discurso nos parkinsonianos mostrou-se na base desses processos semântico-discursivos. Trata-se do(s) modo(s) como energia(m) no fio do discurso: sua condição de parkinsoniano; a condição de representante da saúde da documentadora que os entrevistava; e a relação entre o objeto ‘saúde/doença’ e outros objetos discursivos. Em síntese, trata-se do imaginário que permeia as relações entre os interlocutores no processo discursivo, bem como aquelas entre eles e os objetos discursivos que emergiam no (seu) dizer. Esse imaginário pareceu, portanto, estar na base de todos os desencontros – desde aqueles que envolveram embates entre itens lexicais ‘desejados’, ou não, pelos sujeitos, até aqueles que envolveram a repressão ou a irrupção de um objeto discursivo no fio do discurso.

Tais resultados mostram que os dois grupos se assemelham no modo de ocorrência de hesitações. Essa semelhança, portanto, me levou a problematizar a premissa (da literatura biomédica) de que a condição patológica, em si mesma, explicaria a ocorrência de hesitações em sujeitos parkinsonianos. Se, em si mesma, a condição patológica não explicaria sua ocorrência, que fatos justificariam a presença empiricamente tão marcante de hesitações nos enunciados de parkinsonianos?

O que a doença parece provocar nos parkinsonianos é, acima de tudo, maior instabilidade em tentativas de repressão à emergência da deriva. Em outras palavras, é esse tipo de instabilidade (e não exatamente a motora) que explicaria o que provoca a maior frequência de hesitações nos enunciados desses sujeitos. Essa instabilidade, se mostra ao olhar biomédico especialmente como dificuldades de controle de movimentos na fala. No entanto, melhor ela se explicaria pelo fato de que, nos processos discursivos, movimentos se articulam à produção de sentidos.

Essa produção se mostrou relativamente mais instável em parkinsonianos do que em não parkinsonianos, mas não em momentos distribuídos aleatoriamente no processo discursivo. Isso porque, embora os processos semânticos envolvidos nas hesitações em parkinsonianos e não parkinsonianos fossem basicamente os mesmos, nos processos discursivos dos primeiros, em relação aos dos últimos, as hesitações ocorreram, especialmente, em momentos nos quais a dispersão tendeu a vigorar mais.

Em síntese, os resultados apontaram não exatamente para dificuldades físicas da fala, no que concerne às hesitações, mas especialmente para relações entre essas dificuldades e a produção dos sentidos.

Injunções profissionais – sobretudo, mas não exclusivamente – levaram-me a um terceiro momento de minha trajetória. Vamos a ele.

Esse terceiro momento se deu quando comecei a me voltar não apenas para dados de fala (como as hesitações), mas, também, para dados que indiciam relações entre características da fala e características da escrita (conforme se mostram na ortografia ou nas segmentações não convencionais de palavras). Foi, além disso, quando me voltei

³ Embora não defina o estatuto da diferença, Authier-Revuz (1990) distingue, em sua proposta, o ‘Outro’ e o ‘outro’. O ‘Outro’ corresponderia ao que a autora chama de ‘alteridade radical’, aquela que provém das determinações ideológicas do sujeito/do discurso, bem como de suas determinações inconscientes. Já o ‘outro’ corresponderia à alteridade que é mostrada no fio do discurso e tida como ‘exterior’ (Authier-Revuz, 1990, p. 30) ao discurso do sujeito enunciativo.

para a linguagem em constituição, e não mais para mudanças de condição de (seu) uso provocadas por uma patologia (no adulto). Voltei-me, em outras palavras, para a fala e para a escrita da criança.

Tal mudança, porém, não se deu sem deslocamentos no plano epistemológico. Com efeito, não foram exatamente hesitações (da fala infantil) ou oscilações (da escrita infantil) que se tornaram meus (novos) objetos de investigação. Hesitações e oscilações mostraram-se, na verdade, como diferentes formas do que vim a entender como instabilidades da própria língua – estas, sim, o novo objeto de investigação. Que fique explicitado, porém, já de partida: não se trata de um ‘retorno’ a uma língua que se mostraria como autônoma ou não afetada, não constituída, pelo discurso, mas de uma língua entendida, antes, como um ‘Outro’ constitutivo do discurso. Em outras palavras, o que fiz foi justamente investigar como ela mesma, mobilizada e constituída pelo discurso, deixa marcas de sua forte presença (como um ‘Outro’) no discurso.

Vejamos resultados deste terceiro momento de minha trajetória acadêmica.

No que diz respeito à fala da criança, as hesitações predominaram em pontos do fio do discurso em que aspectos marcados da fonologia da língua se deixaram entrever – como posições fracas da palavra, estruturas silábicas mais complexas, extensão não comum de palavras, bem como suas combinações.

No que diz respeito à escrita da criança, as oscilações apontaram para não coincidências da palavra consigo mesma, já que, em um mesmo texto, uma mesma palavra se mostrava grafada de diferentes maneiras. Viam-se aí não coincidências entre aspectos fonológicos e morfológicos da palavra, fruto de sua ancoragem em diferentes constituintes prosódicos (por exemplo: *em pé* vs **in pe*). Viam-se também relações não diretas entre a aquisição da percepção e a aquisição da ortografia de fonemas da língua. Em outras palavras, embora, em boa medida, relacionadas, percepção (da fala) e ortografia (na escrita) de um mesmo fonema não se mostraram coincidentes.

Como se vê, esse terceiro momento melhor se caracteriza por uma série de deslocamentos teórico-metodológicos em relação ao momento anterior. Com efeito, deslocaram-se os tipos de dados: da linguagem afetada por uma patologia para a própria constituição da linguagem; da fala do adulto para a fala infantil; da fala para as relações entre ela e a escrita. Deslocou-se, ainda, e principalmente, o objeto de investigação: as hesitações, de centro de investigação no segundo momento, passaram a marcas de instabilidades da própria língua, ao lado de várias outras marcas de não coincidências da língua consigo mesma, como aquelas entre escuta e escrita de palavras, e ainda aquelas como flutuações e rasuras de segmentação de palavras. De modo bastante surpreendente para mim, embora não se constituindo, talvez, em novidade no campo da pesquisa sobre a linguagem, o aprofundamento da discussão de fatos do discurso me conduziram, em retorno (e com deslocamentos), a fatos linguísticos e a sua natureza equívoca: do discurso à língua, da língua ao discurso – um trânsito sem ponto de parada.

Mas seriam as instabilidades da língua o ponto de chegada da trajetória? Ou não se situariam as instabilidades em outro lugar?

Uma análise da trajetória

Nas três últimas décadas, trabalhei com um conjunto bastante diversificado de dados. Como se viu, eles foram extraídos de contextos bastante distintos, como os de perda/mudança de condição discursiva da linguagem no adulto e os de sistematização da linguagem na infância, ou, ainda, os de enunciação falada e os de enunciação escrita. Algo em comum, no entanto, permeou a natureza desses dados: todos remetiam a (diferentes formas de) instabilidades da linguagem.

Houve, no entanto, deslocamentos teórico-metodológicos na maneira de tratamento dessas diferentes formas de instabilidade ao longo do que identifiquei como três momentos de minha trajetória de investigação nestes últimos 30 anos.

No primeiro momento, a compreensão (a partir da perspectiva textual-interativa) do caráter tido como não apropriado das pausas na fala de sujeitos com Doença de Parkinson constituiu o objeto de investigação. A marca linguística específica que elegi para compreendê-lo foi a duração (que se mostrava como oscilante) dessas pausas. Em função do ‘outro primordial’ – a literatura biomédica – com quem, predominantemente, se deu o diálogo (interno e externo) da investigação, a instabilidade da duração dessas pausas se mostrou de duas maneiras principais: (1) como o mascaramento, na linguagem em uso, de regularidades linguístico-textuais; e (2) como índice de seu caráter hesitativo. Tratava-se, então, de uma forma de instabilidade que (não conscientemente) interpretei como externa à linguagem e/ou como interna a uma subjetividade não atravessada, não constituída pela linguagem.

Esse foi o alcance da investigação. Mas houve limites nesse alcance. Vamos recordá-los.

A interpretação do não apropriado das pausas deveu-se, segundo a visão atual que tenho desse primeiro momento, ao *locus* teórico-metodológico que sustentou minhas investigações (bem como as de meus orientandos) nesse período: aquele possibilitado pelos estudos do texto falado, na perspectiva textual-interativa. Conduzido por esse olhar, interpretei o instável como um fato da superfície linguística, já que reduzi sua ação àquilo que, positivamente, se podia detectar no âmbito de sessões empíricas de conversação.

Percebi-o, ainda, nesse quadro epistemológico, como exterior à linguagem, já que o entendi como advindo de condições subjetivas e fisiológicas de um sujeito que, empiricamente e não constituído/atravessado pela linguagem, projetava numa conversa empírica o instável dessas suas condições. Em outras palavras, percebi-o como sendo ‘não da, mas estando na’ linguagem – com certa previsibilidade (dado o mascaramento que fazia de regularidades textuais), mas, também, com certa imprevisibilidade (dada sua relação com momentos de hesitação ‘na’ conversa).

No entanto, os limites desse olhar provocaram-me fortes inquietações, para as quais busquei respostas no quadro epistemológico dos estudos de orientação francesa do discurso. Com os necessários deslocamentos que advieram da adoção desse quadro, (1) o sujeito empírico da conversação passou a ser entendido como subjetividade constituída (i) por redes discursivas e (ii) por processos internos, ambos, em grande medida, inacessíveis a essa subjetividade – constituída, em síntese, pela história e pelo inconsciente; (2) as sessões (empíricas) de conversação passaram a ser entendidas como materializações de processos discursivos e/ou como superfície discursiva, ou, ainda, como fio do discurso – *locus* privilegiado de observação de processos que Authier-Revuz (1990) atribui ao que chama de ‘heterogeneidade mostrada’.

Como consequência, o sujeito da enunciação do primeiro momento passou a ser visto como um recorte de uma subjetividade mais ampla, como uma (necessária) ilusão subjetiva, que se vê/se percebe como fonte do (seu) dizer, do (seu) discurso, quando, de fato, como bem diz Authier-Revuz (1990), é constituído por uma alteridade radical, ou seja, é efeito da rede interdiscursiva que essa autora chamou de ‘heterogeneidade constitutiva’, bem como de sua estrutura inconsciente.

Desse modo, na passagem do primeiro para o segundo momento de minha trajetória, ao deslizar do caráter não apropriado das pausas para a hesitação, o objeto de investigação sofreu, fruto desse deslizamento, uma mudança de estatuto, já que passou a ser situado noutro *locus* de investigação: o do discurso, e não mais o da conversação. Com esse deslocamento epistemológico, o objeto deslizou, então, do ‘produto’ do discurso (ou seja, das pausas detectadas na materialidade linguística de sua superfície) para o ‘processo’ de sua produção (notadamente, nesse processo, para as hesitações, na medida em que (no meu entendimento de seu funcionamento) elas denunciariam relações entre a ‘heterogeneidade constitutiva’ e a ‘heterogeneidade mostrada’ do discurso.

Uma vez que parte do que detectei no caráter não apropriado das pausas correspondia ao que, em termos discursivos, indicava seu caráter hesitativo, elas passaram a ser vistas como marca linguística deste outro objeto: a hesitação, entendida como (mais) uma das formas de heterogeneidade mostrada. Em outras palavras, assim ressignificadas (e incluídas num rol composto por pausas silenciosas, pausas preenchidas, alongamentos hesitativos, repetições hesitativas, gaguejamentos, cortes bruscos e incoordenações), as pausas do primeiro momento foram consideradas, no segundo, como (mais uma) marca linguística dessa forma de heterogeneidade mostrada que é a hesitação. Trata-se de uma forma que, como as demais, ao mostrar desencontros entre a subjetividade que se representa como ‘eu’ no fio do discurso e o(s) ‘Outro/outros’ que a constituem, denuncia o descentramento, a divisão, a clivagem do sujeito e, como decorrência, permite entrever a presença, nesse fio, de elementos da alteridade que o constitui como tal.

Quando mostrada pela hesitação, no entanto, a presença desses elementos de alteridade provoca ‘turbulências’ na produção do discurso. É quando se explicitam os embates (sempre presentes e atuantes nessa produção) entre elementos de famílias parafrásticas do dizer que compõem a heterogeneidade constitutiva do discurso. Em outras palavras, as ‘turbulências’ indicadas pela hesitação mostram desencontros entre dizeres sobrepostos (ou mesmo entre elementos sobrepostos da própria língua) aos quais não se tem acesso nos momentos sem quebra e, por isso, sentidos como fluentes do discurso – já que a fluência é um efeito de repressão da deriva, sustentado pela parte da subjetividade que se assume/se representa como ‘eu’.

Chamo, porém, a atenção para uma diferença de natureza que, não destacada pela literatura sobre as hesitações, ouso aqui a apresentar como descoberta – no que diz respeito a como as diferentes marcas linguísticas de hesitação indiciam momentos de desencontro entre dizeres (e elementos da língua) sobrepostos. Realço essa diferença de natureza porque ela parece estar na base de distintas maneiras pelas quais esse ‘eu’ dá mostras de como ‘reage’ ao(s) ‘Outro/outros’ que o interpelam como sujeito.

Para caracterizar essas distintas ‘maneiras de reação’, distribuí as marcas linguísticas de hesitação em três grupos formais: aquele que se caracteriza pelo ‘silêncio’ (composto pelas pausas silenciosas e pelos cortes bruscos); aquele que se caracteriza pelas ‘vocalizações’ (composto pelas pausas preenchidas, pelos alongamentos hesitativos e pelas incoordenações); e aquele que se caracteriza pelas ‘tentativas de lexicalização’ (composto pelos gaguejamentos e pelas repetições hesitativas). Passemos a observar, portanto, como silêncios, vocalizações e tentativas de lexicalização mostrariam distintas formas de posicionamento do ‘eu’ em relação à demanda do(s) ‘Outro/outros’.

Na multiplicidade de dizeres (e elementos da língua) em desencontro, a ‘reação pelo silêncio’ caracterizar-se-ia por deixar entrever o signo (no sentido saussureano) que falta, ou o signo que escapa ao *eu*. Trata-se de uma reação ‘não verbalizada’, mas que dá pistas da “[...] condição de vir-a-ser do discurso, onde o real, as coisas, ‘estão lá’, mas não se pode falar delas.” (Tfouni, 2006, p. 130).

Por sua vez, nessa mesma multiplicidade, a ‘reação pela vocalização’ caracterizar-se-ia por deixar entrever um significante (também no sentido saussureano) que falta, ou um significante que escapa ao ‘eu’, mas que, mesmo se mostrando como inacessível, deixa rastros de que se constitui pelo som. Trata-se de uma reação que se pode entender como ‘semiverbalizada’, já que projetada por uma materialidade fônica linguisticamente não reconhecível (porque não imputável a um significante reconhecível na língua), mas relacionada a um significado.

Por fim, nessa mesma multiplicidade, a ‘reação pelas tentativas de lexicalização’ caracterizar-se-ia por deixar entrever um significado (igualmente no sentido saussureano) que falta, ou um significado que escapa ao ‘eu’. Trata-se de uma reação que se pode entender como ‘quase-verbalizada’, uma vez que a inacessibilidade ao significado se mostraria pela ancoragem em significantes ou em resíduos de significantes linguisticamente reconhecíveis, mas não necessariamente em conexão com o significado tido como desejado.

Nas três ‘formas de reação’, porém, está primeiramente em questão a ameaça de emergirem novos dizeres por uma possível ‘submissão do discurso à deriva’ ou por um possível ‘deslizamento entre dizeres’ e ‘entre elementos da língua’ constitutivamente sobrepostos na rede interdiscursiva sobre a qual se assenta o processo discursivo e cuja irrupção provocaria, em seu fio, a dispersão. Mas está também em questão a busca de ancoragem em elementos do dizer que permitiriam uma amarração linguística e discursivamente esperada nesse fio, ou seja, em sua superfície discursiva – no sentido de essa superfície poder se caracterizar como um enunciado ajustado ao que se entende como (sua) coesão e coerência.

Eis como interpreto, em síntese, os principais passos – que considero como os principais ganhos – do segundo momento de minha trajetória de investigação, cujos êxitos, tanto de alcance teórico quanto de interpretação de dados, decorreram especialmente do deslocamento epistemológico provocado pela adoção de preceitos dos estudos (de orientação francesa) do discurso.

Mas aí – recordando-o –, sobretudo em razão de injunções profissionais, novo deslocamento ocorreu em minha trajetória. Na verdade, esse deslocamento já vinha se dando no desenrolar do segundo momento, quando os desencontros entre dizeres mostrados pelas marcas linguísticas de hesitação começaram a ceder seu lugar de primeiro plano em minha inquietação científica para os desencontros entre os elementos da própria língua também mostrados pelas mesmas marcas.

O deslocamento, como se vê, não foi, então, tanto de escopo de investigação: o discursivo. Foi, de fato, bastante em se tratando de (i) objeto, de (ii) eventos de extração de dados, de (iii) marcas linguísticas e de (iv) sujeitos de investigação.

O discurso permaneceu como pano de fundo da investigação, como um tipo de macroestrutura que regula a produção e a circulação do dizer na fala/audição, na escrita/leitura, bem como nas suas relações. Isso porque assumi a oralidade, o letramento e seu entrelaçamento como práticas sócio-históricas de regulação da língua em eventos de fala/audição e de escrita/leitura – portanto, como práticas discursivas nas quais o funcionamento da língua pode (e deve) mostrar sua inescapável presença.

Sobre esse pano de fundo, projetaram-se como objeto de investigação desencontros que envolvem a língua, na medida em que ela está na base (na qualidade de um ‘outro’ privilegiado, de uma alteridade essencial) de eventos de fala/audição e de escrita/leitura. Em razão da diversidade de natureza desses eventos, outras marcas linguísticas – além daquelas que indiciam processos hesitativos, para as quais já tinha me voltado – passaram a ser contempladas. Voltei-me, assim, para desencontros entre percepção de fala e ortografia e, ainda, para desencontros na segmentação de uma mesma palavra. Dito de outro modo, voltei-me para não coincidências entre seus próprios elementos (tais como aquelas entre a escuta e a escrita de uma mesma palavra e, ainda, entre a estrutura prosódica e a ortográfica de uma mesma palavra). A escolha de marcas

linguísticas estruturalmente tão diversificadas não foi, no entanto, casual: todas permitiram entrever como elementos da fonologia da língua se mostravam em desencontro entre si e/ou em desencontro com elementos de outras dimensões da língua – em eventos de fala/audição; de escrita/leitura; e/ou de seus entrecruzamentos. Para tanto, ao invés de me voltar para dados de sujeitos cuja condição linguístico-discursiva indicia ‘turbulências’ de (sua) reorganização – adultos cuja constituição como sujeito mostrava-se afetada pela Doença de Parkinson –, voltei-me para dados de sujeitos nos quais sua condição linguístico-discursiva indicia ‘turbulências’ de (sua própria) sistematização – crianças em condições não patologizantes de constituição como sujeitos, ou seja, sujeitos em constituição. Em outras palavras, deixei de investigar as instabilidades resultantes de transformações numa ordem que regulava, em adultos, as relações entre discurso e (zonas da) língua, para investigar, nas crianças, as instabilidades resultantes justamente da instauração de uma ordem: de regulação das relações entre (zonas da) língua e discurso.

Mas, nessa passagem do segundo para o terceiro momento, semelhantemente a como se deu a passagem do primeiro para o segundo, tratar-se-ia propriamente de uma nova mudança de estatuto de objeto de investigação? Não, e sim – pode-se responder.

A resposta é negativa no sentido de que se manteve uma característica essencial do *locus* da investigação. Não foram fatos da superfície discursiva os que passaram a ser investigados (como no primeiro momento), mas sim (como no segundo) desencontros entre elementos de um ‘Outro’ específico do discurso (a língua) mostrados, nessa superfície, por marcas de hesitação (na fala) ou por suas não coincidências (na escrita).

A resposta é afirmativa, porém, quando se pensa que (i) hesitações, (ii) desencontros entre audição e ortografia e, ainda, (iii) flutuações e rasuras de segmentação de palavras corresponderiam a momentos de desencontros que, embora (obviamente) difiram em sua natureza linguística, não diferem em seu funcionamento discursivo. Em outras palavras, a passagem do segundo para o terceiro momento mostra que, enquanto funcionamento discursivo, tais desencontros nada mais são do que faces substancialmente distintas de um mesmo e único (e mais abrangente) processo – que passei a categorizar como ‘instabilidades da linguagem’. Trata-se de instabilidades que ilustram a reinterpretação (teórico-metodológica) que faço de um dos possíveis fundamentos da linguagem, que recupero de Saussure: “A cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução [...]” (Saussure, 1979, p. 16). Como prefiro entender, a cada instante, a linguagem é, simultaneamente, ordem e fluxo, mas não no sentido de uma ordem ‘a priori’ que se sobreporia a/estancaria um fluxo, mas no sentido de uma ordem que emerge, se estabiliza e se transforma nesse próprio fluxo. Ou, em outras palavras, uma ordem que se desloca pela ação do fluxo, mas que, inversamente, tenta organizar o seu desenrolar. Essa tensão, constante, entre estabilização e desestabilização pode ser detectada em vários planos da linguagem, como no funcionamento da língua (quando se fala, por exemplo, em variação e mudança linguística); no funcionamento do discurso (quando se fala, por exemplo, na organização da rede que constitui o interdiscurso); nas relações entre língua e discurso (quando se fala, por exemplo, das marcas linguísticas características de um tipo de discurso, ou da articulação entre zonas da língua e certos campos do dizer).

Mas, em qualquer dessas situações, trata-se de uma ordem em estabilização-desestabilização, já que, ao tentar regular, produzir o efeito de continuidade no fluxo, se deixa afetar pela força da sua (latente) descontinuidade, que resulta do acaso. Eis, pois, como interpreto as relações entre o instável (já que provém da descontinuidade) e o estável (já que provém da ordem) da linguagem, tensão que, ao fim, expõe/mostra, no fio do discurso, o que caracterizei como instabilidades da linguagem.

Quando essa tensão ordem/fluxo não se mostra presente, ou se desfaz, produzem-se na linguagem desarticulações como aquelas vistas, por exemplo, na fala delirante de sujeitos em condição de esquizofrenia, na escrita (num texto literário) caracterizada como fluxo de consciência, ou ainda na fala fragmentária de sujeitos com características entendidas como autísticas, nas situações em que se detectam, em sua fala, recortes justapostos e não analisados da fala do outro.

Na linguagem, porém, é o discurso que se mostra como o *locus* privilegiado de observação e de análise dessa tensão, dada sua prerrogativa de produzir e de criar as condições de circulação do dizer e da amarração linguística do dito, bem como a de, nessa produção e criação, constituir os indivíduos (mesmo que ilusoriamente) em sujeitos desse dizer. É a ordem do discurso que, em outras palavras, organiza o fluxo heterogêneo e derivante de sua constituição, estabelecendo, assim, ao mesmo tempo, as bases para a amarração de seus elementos (linguístico-discursivos) na superfície discursiva e para tentativas de repressão da (sua) deriva. É a ordem do discurso, também, que, ao instituir como sujeito a subjetividade que o mobiliza,

não a deixa perder-se no emaranhado do (seu) inconsciente e do (seu) interdiscurso e cria, nela, a ilusão de controle sobre o (seu) dizer.

No entanto, como procurei mostrar, a ordem não se instala no fluxo sem sofrer o efeito de sua latente descontinuidade. A todo momento da produção do discurso, portanto, essa tensão está em jogo – encoberto e mostrado.

Se lembrarmos a substancialização do discurso pela fala, veremos que a tensão é encoberta, por exemplo, nos momentos em que seu desenrolar, na superfície discursiva, se mostra como contínuo (como fluente). E é descoberta, como se viu, nos momentos de hesitação, pois, ao quebrarem a continuidade dessa superfície, permitem entrever a sobreposição descontínua, fragmentária, de elementos da rede interdiscursiva do discurso, ou mesmo da língua.

Se lembrarmos a substancialização do discurso pela escrita, veremos que, similarmente, a tensão pode se mostrar encoberta e descoberta. No caso da segmentação de palavras, será encoberta quando, no fio da escrita, não emergirem flutuações e/ou rasuras de segmentação; e será descoberta, quando esses fenômenos ocorrerem.

Se retomarmos, por fim, a intersubstancialização do discurso na relação entre percepção da fala e ortografia, mais uma vez a tensão pode se mostrar encoberta e descoberta. Será encoberta nos momentos de coincidência entre os dois aspectos dessa intersubstancialização; será descoberta, nos momentos de não coincidência⁴.

Há, no entanto, diferenças de natureza nas distintas maneiras como a tensão é mostrada nessas três situações de substancialização do discurso. Embora essas distintas maneiras possam se caracterizar como recursos discursivos (como instabilidades da linguagem, conforme os defini) da ordem das relações entre heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada, disponho-as em dois grupos principais.

No primeiro, em que incluo hesitações e rasuras, essas instabilidades (enquanto formas de heterogeneidade mostrada) podem ser remetidas ao que Pêcheux (2009) categoriza como esquecimento número 2 do sujeito, na medida em que, enquanto falante (no caso das hesitações) e enquanto escrevente (no caso das rasuras), o sujeito, na produção do enunciado, ‘selecionaria’ elementos formais e sequenciais dentre aqueles que se encontram em relação de paráfrase em determinada formação discursiva, ou seja, que estariam “[...] no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada” (Pêcheux, 2009, p. 161 – em itálico no original)⁵. Hesitações e rasuras criam, no fio do discurso, a ilusão de ‘aceitação/distanciamento’ do sujeito em relação aos elementos parafrásticos que emergiram em tensão nesse fio, já que, nessa ilusão, ele os mostrará ou como desejados ou como rejeitados. Criam, portanto, a ilusão de ‘seleção’ – e, por conseguinte, de escolha/recusa.

Situação diferente ocorre nas flutuações (de segmentação de palavras) e nas não coincidências (entre audição e ortografia de palavras). Esses dois casos podem ser melhor situados num espaço de transição entre processos semiconscientes e inconscientes do sujeito. Situam-se, pois, entre o que Pêcheux (2009) categoriza como esquecimento número 2 e esquecimento número 1 – entendido, este último, como uma analogia com o recalque inconsciente. Com efeito, diferentemente do que ocorre com hesitações e com rasuras, nas flutuações e nas não coincidências entre audição e ortografia de palavras não se verifica a ilusão de ‘aceitação/distanciamento’ do sujeito em relação a elementos em desencontro, já que eles emergem indistintamente no fio do discurso, sem que o sujeito se dê conta de sua diferença, de seu desencontro. As flutuações e o tipo aqui tratado de não coincidências assemelham-se, portanto, a lapsos, embora não o sejam. Caracterizam-se, pois, de certo modo, como momentos de dispersão, como momentos em que a irrupção do(s) ‘Outro/outro’ não se faz notar e produz descontinuidades no dizer (pela escrita ou pela relação escrita/audição). Seriam, assim, ‘negociações não bem-sucedidas’, já que, embora a tensão entre a continuidade e a descontinuidade tenha se mostrado, a repressão da deriva pelo ‘eu’ não se efetivou.

No entanto, a despeito de tais diferenças, as instabilidades da linguagem, ao mesmo tempo, indiciam pontos de deriva e pontos de ancoragem do dizer. Ou seja, pontos nos quais, no processo discursivo e no sujeito, ao mesmo tempo, a possibilidade de dispersão e a possibilidade da ancoragem se fazem mostrar. Trata-se de pontos nos quais interdiscurso e inconsciente atuam no sentido de fazer o processo discursivo e o sujeito perderem-se de si mesmos (como nas flutuações e nas não coincidências), mas ao mesmo tempo, de

⁴ Destaquei as substâncias do exercício da linguagem que investiguei – o som e o gráfico. Acredito, porém, que fatos semelhantes podem ser identificados em outras substâncias não contempladas em minha trajetória de investigação, como a eletrônica, base da chamada escrita digital.

⁵ Relembre-se, no entanto, que “[...] o pré-consciente caracteriza a retomada de uma representação verbal (consciente) pelo processo primário (inconsciente), chegando à formação de uma nova representação, que aparece conscientemente ligada à primeira, embora sua articulação real com ela seja inconsciente.” (Pêcheux, 2009, p. 163).

pontos em que os mecanismos de regulação do discurso/da língua e do sujeito podem, também, mostrar sua força (como nas hesitações e nas rasuras).

Em síntese, trata-se, em ambas as situações, dos efeitos do embate, mostrados no fio do discurso, entre o instável e o estável 'da' linguagem. 'Da' linguagem porque, no discurso, o instável está constitutivamente presente na descontinuidade da sobreposição de dizeres da infinitude interdiscursiva, nos mecanismos do inconsciente e – por que não? – na própria (opacidade da) língua, já que seu uso real é discursivamente orientado. De modo similar, já que fundamentalmente em embate com o instável, é também 'da' linguagem o estável, na medida em que, também constitutivamente, ele é o elemento regulador da infinitude interdiscursiva e dos mecanismos inconscientes, bem como da amarração da cadeia linguística do fio do discurso e da própria ordem da língua e do discurso, de tal modo que esse fio se mostre como dominado por um 'eu' que o produz de acordo com preceitos reguladores, de natureza linguístico-discursiva.

Conclusão

O que expus neste artigo é uma resumida formulação do produto de 30 anos de uma trajetória de investigação. No atual momento, essa formulação se caracteriza, para mim, como a base de aprofundamentos, tanto teóricos quanto metodológicos, que pretendo fazer das reflexões que aqui mostrei. Isso porque lidar com o instável foi (e têm sido) lidar com percalços cujos efeitos vieram e virão a se materializar em descobertas (e redescobertas) de objetos de investigação, mudanças de objetos e/ou de concepção teórico-metodológica de investigação, mudanças de grupos de sujeitos, dentre outras. Em suma, lidar com o instável e lidar, preferencialmente, com o insólito.

Referências

- Authier-Revuz, J. (1990). Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 19, 25-42. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636824/4545>
- Authier-Revuz, J. (2004). *Entre a transparência e a opacidade: Um estudo enunciativo do sentido*. Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Camillo, M. (2011). *Hesitações em deslizamentos do dizer de sujeitos parkinsonianos e não-parkinsonianos: Um estudo comparativo*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista]. Biblioteca Digital da Universidade Estadual Paulista. <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/508532d4-3b43-4206-90f8-48af54f90fb5/content>
- Chacon, L. (2017) *Instabilidades da linguagem: Discurso, língua e suas relações*. [Tese de Livre Docência, Universidade Estadual Paulista]. Biblioteca Digital da Universidade Estadual Paulista. <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/630b9efa-1704-424e-b94c-b0166eddf8fe/content>
- Nascimento, J. C. (2005). *Fenômeno hesitativo na linguagem: Um olhar para a doença de Parkinson*. [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista]. Biblioteca Digital da Universidade Estadual Paulista.
- Nascimento, J. C. (2010) *Uma perspectiva discursiva sobre a hesitação*. [Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista]. Biblioteca Digital da Universidade Estadual Paulista. <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/353599b4-1d33-48c9-a5b4-2cfcadf19de5/content>
- Pêcheux, M. (1990a). *O discurso: Estrutura ou acontecimento*. Pontes.
- Pêcheux, M. (1990b). Análise automática do discurso. In F. Gadet, & T. Hak (Orgs.), *Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux* (pp. 61-161). Unicamp.
- Pêcheux, M. (2009). *Semântica e discurso*. Unicamp.
- Saussure, F. (1979). *Curso de Lingüística Geral*. Cultrix.
- Tfouni, F. E. V. (2006) O interdito como fundador do discurso. *Letras & Letras*, 22(1), 127-137. <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25220/14036>
- Tfouni, L. V. (2001). A dispersão e a deriva na constituição da autoria e suas implicações para uma teoria do letramento. In Signorini, I. (Ed.), *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento* (pp. 77-96). Mercado de Letras.

Tfouni, L. V. (2008). Mensagem e poesia: A atualidade de Saussure, Jakobson ou sobre a verdade do sujeito (e do sentido) em deriva. In N. R. Gaspar & L. M. S. Romão (Orgs.), *Discurso e texto: Multiplicidade de sentidos na Ciência da Informação* (pp. 71-80). Editora da Universidade Federal de São Carlos.